

## **Urihi no Instagram: Ferramenta Etnocomunicacional para Decolonizar o Jornalismo?<sup>1</sup>**

Isabela Bastos PIO<sup>2</sup>

Vilso Junior SANTI<sup>3</sup>

Universidade Federal de Roraima - UFRR, Boa Vista, RR.

### **RESUMO**

A realidade do indígena no contexto político social brasileiro ainda é marcada por uma visão eurocêntrica, racista e marginalizadora. Essa visão segue enraizada no pensamento coletivo mesmo após décadas da saída do colonizador. O jornalismo enquanto reflexo da sociedade, muitas vezes, colabora para perpetuar esse pensamento que coopera com a invisibilidade da pauta indígena e a marginalização dessas lutas sociais. As iniciativas etnojornalísticas demonstram, no entanto, uma potência para o enfrentamento dessa colonialidade ainda vigente. É nesses termos que analisamos a página do Instagram da Urihi – Associação Yanomami<sup>4</sup> a fim de entender seu funcionamento como ferramenta para promover a etnocomunicação e colaborar com o processo de decolonização do pensamento social por meio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Etnocomunicação; Etnojornalismo; Estudos decoloniais; Povos indígenas; Instagram.

### **INTRODUÇÃO**

Os últimos anos foram sombrios para os povos indígenas, além da perda de territórios consolidados para o desmatamento, garimpo ilegal e grilagem de terras, os indígenas sofrem ainda com uma constante invisibilidade dos meios de comunicação atual. Essa apropriação narrativa é fruto de um processo colonialista, que priorizou uma visão eurocêntrica que também tem uma visão distorcida da figura do indígena. Por muito tempo a única imagem que se tinha do indígena foi perpetuada por essa perspectiva eurocêntrica que entendia os membros dos povos originários como seres romantizados e inferiores.

O sociólogo peruano Aníbal Quijano (2010), argumenta que a realidade da América, mais especificamente da América Latina, foi mundialmente “imposta”. Ao

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do 20º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 14 a 16 de junho de 2023

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação PPGCOM-UFRR, email: [isabelabastospio6@gmail.com](mailto:isabelabastospio6@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PPGCOM-UFRR, email: [vjrsanti@gmail.com](mailto:vjrsanti@gmail.com).

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/urihiyanomami/>. Acesso em 20/04/2023

desenvolver o conceito de “colonialidade do poder”, o teórico aponta que a população de todo o mundo foi classificada por identidades “raciais” e dividida entre os dominantes/superiores, que seriam os europeus, e os dominados/inferiores, os não europeus. Portanto, todo e qualquer conhecimento não eurocêntrico passou a ser excluído e invalidado. Segundo o autor, essa concepção é o que será denominado como “a modernidade” (QUIJANO, 2010, p. 73-74).

Com muito esforço, essa linha de pensamento vem sendo desconstruída ao longo dos últimos anos, principalmente com os Movimentos Sociais, o aprofundamento do debate sobre a etnocomunicação e a ampliação da presença de comunicadores indígenas. A etnocomunicação, noutro sentido, pode ser entendida como uma narrativa que ajuda a decolonizar a comunicação, valorizando a narrativa indígena e respeitando o tempo/espaço dos povos originários. Boaventura de Sousa Santos (2013) é um dos críticos que aponta que o pensamento ocidental provocou a exclusão social enfrentada hoje por vários nichos da sociedade, incluindo os indígenas. Diante dessa dominação epistemológica, a alternativa que pode ajudar a diminuir essa desigualdade, segundo Santos (2013), é a promoção de um diálogo horizontal entre saberes num processo reflexivo e dialógico.

Segundo Terena (2019), o momento em que vivemos “(...) de maior ocupação indígena nos campos das artes e comunicação”, em conjunto com o avanço das tecnologias de informação, pode ser entendido como o “quarto momento” da luta indígena. Nesse contexto o Instagram, plataforma foco dessa análise, inserido dentro dessa realidade de mundo conectado, passa a ser utilizado também por indígenas (aldeados e não aldeados) como palco para difundir sua cultura e, principalmente, suas lutas, por meio das vivências cotidianas e desafios enfrentados.

### **Proposta teórico- metodológica**

Entendemos que a pesquisa não pode ser tratada apenas como um meio para atingir um fim, mais do que isso, ela, assim como o próprio estudo da comunicação, deve ser entendida como um processo que possui reentrâncias e mudanças constantes de acordo com os elementos colocados sob análise. A pesquisa é, portanto, um percurso que, de acordo com Juremir Machado da Silva (2010), ajuda a fazer vir à tona as

respostas que se buscava, mas, sem esquecer que o próprio caminho também produz mais questionamentos. Logo, não podemos tratar a análise como algo extremamente técnico e engessado, o que levaria apenas a produção de resultados iguais: estáticos e conformes, no sentido de conformismo, de falta de reflexão sobre o proposto.

Dessa forma, para produzir resultados, além da simples reflexão, propomos a utilização de duas ferramentas teórico-metodológicas propostas por Santi (2014) que nos auxiliam no entendimento da jornada de pesquisa comunicacional como algo mais amplo. Tendo como base o perfil da Urihi - Associação Yanomami no Instagram, buscamos entender melhor as práticas etnocomunicacionais e decolonialistas nas publicações feitas nessa rede social.

A Urihi é uma associação fundada em 2016 e tem sua base nas regiões das serras que abrangem a região de Surucucu e as comunidades vizinhas. Segundo uma publicação<sup>5</sup> na página oficial, devido a problemas financeiros a associação teve uma pausa e retornou ao funcionamento em 2022, período em que também foi reativada a página da Urihi no Instagram. Em uma breve pesquisa por outras redes sociais, ficou constatado que o único perfil ativo da Associação é na rede social em questão, onde contam com 15,3 mil seguidores e 57 publicações.

Para tanto, a fim de entender melhor as relações entre a página e os temas propostos no artigo, vamos acionar os princípios da historicização, por meio da pesquisa da pesquisa e da contextualização através da pesquisa documental (SANTI, 2014).

### **Historicização e a Pesquisa da Pesquisa**

Vamos começar abordando a ferramenta da historicização que, segundo Santi (2014), implica na problematização dos conceitos, ideias ou teorias movimentadas durante a pesquisa. De acordo com o autor, historicizar é fundamental para dar mais transparência ao estudo. A historicização pretende entender o ponto de partida de conceitos e a forma como foram costurados junto com o tecido de significados de que eles são feitos. Não há como entender do que se trata a problemática sem conhecer suas

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Coc5I7gPKEl/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D>. Acesso em 20/04/2023.

origens ou saber os termos em que se formularam esses debates que ocasionaram os movimentos vividos na atualidade.

Para executar esse princípio metodológico vamos usar a ferramenta da Pesquisa da Pesquisa. Segundo Bonin (2006) essa ferramenta busca revisitar estudos já realizados ou próximos a respeito do problema, para assim comparar ideias, conceitos ou teorias investigadas, agregando conhecimento ao campo da investigação. Esse processo de desconstrução acontece por etapas de apropriação, análise e reflexão acerca desses materiais e como seus apontamentos podem colaborar com a tecedura da malha de entendimentos sobre o tema pesquisado.

Dessa forma utilizamos o princípio da Pesquisa da Pesquisa para compreender melhor as relações que se desenvolvem entre a Urihi - Associação Yanomami<sup>6</sup>, o povo dessa etnia e o Instagram, rede social utilizada pela organização. Partimos desse entendimento para visualizar melhor as práticas etnocomunicacionais e decolonistas presentes no perfil, para tanto, é necessário aprofundar o conhecimento sobre a construção desse conjunto de elementos.

Por último, também usamos o apoio dessa ferramenta para problematizar os conceitos e teorias que se apresentam como essenciais ao longo da pesquisa. Por exemplo, quando pensamos na relação da Urihi - Associação Yanomami<sup>7</sup> enquanto representante indígena utilizando sua articulação por meio do Instagram e a associação desses sujeitos com os princípios da Etnocomunicação e decolonialismo, é necessário contar com várias fontes de pesquisa para desconstruir ideias e definições já expressas em outros trabalhos, mas que nos ajudem a aproximar esses conceitos da proposta de investigação da presente pesquisa.

### **Contextualização e a Pesquisa Documental**

O segundo momento, segundo Santi (2014), trata do acionamento do princípio da Contextualização. Responsável por ampliar o conjunto de significados e entendimento do problema estudado para dar conta dos seus desenvolvimentos. A partir

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cn5A2oxPMpu/> Acesso em 20/04/2023

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cl6YJC4AKIT/> Acesso em 20/04/2023.

desse princípio, nos aproximamos do corpus de estudo para entender melhor a realidade em que a problemática comunicacional se configura.

Bonin (2008) ressalta que a contextualização em uma pesquisa acadêmica, refere-se à apresentação das diferentes realidades em que o objeto está inserido. Esta apresentação do contexto é relevante porque evita que a pesquisa se diminua a um conteúdo abstrato, sem ligação com a realidade em que se insere, como explica a autora:

A contextualização permite ter uma visão abrangente e, ao mesmo tempo, particular do fenômeno investigado. Para realizar este movimento de contextualização, faz-se necessário trabalhar em práticas que possibilitem ir construindo os múltiplos contextos que participam efetivamente da problemática em construção (BONIN, 2008, p. 125).

Ainda segundo Santi (2014), é por meio do princípio da contextualização que conseguimos materializar e operacionalizar o campo de estudo sobre o sujeito em questão, dessa forma o pesquisador consegue cercar os limites estudáveis do processo comunicacional, para assim conseguir delimitar o campo de estudo. Assim, selecionamos a pesquisa documental para operacionalizar esse processo. Esse é um modelo que, segundo Gil (2002), permite a análise de materiais que não receberam tratamento analítico, como filmes, jornais e perfis de redes sociais.

A partir desses conceitos chegamos ao processo de escolha dos materiais a serem estudados, para tanto, Flick (2009) explica que o investigador precisa definir o seu corpus de estudo e determinar os recortes documentais que serão investigados. Porém, o recorte do material a ser analisado não deve ser entendido fora do contexto em que se encontra, Flick (2009) também ressalta que o panorama contextual deve ser levado em consideração na hora de fazer essa seleção, isso porque é no contexto que conseguimos compreender determinado fenômeno ou momento histórico na vida de alguém ou grupo social.

Com base nisso, a contextualização e a pesquisa documental aparece nesta investigação em momentos como: na análise das relações entre o povo Yanomami e a Urihi, além disso, também será usada na compreensão do vínculo entre etnocomunicação, estudos decoloniais e a utilização do Instagram como ferramenta prática dessa movimentação.

### **Considerações possíveis**

Percebemos com a pesquisa que a ocupação do espaço digital por meio da Urihi - Associação Yanomami e outras iniciativas de etnocomunicativas protagonizadas pelos próprios indígenas mostram, primeiramente, o protagonismo indígena em busca de uma mudança de paradigmas comunicacionais e da necessidade de modificar espaços midiáticos para mudar a realidade de invisibilidade que ainda ocorre atualmente.

Além disso, diversifica a forma como a sociedade enxerga o indígena e colabora para a quebra da visão romantizada e arcaica dos povos tradicionais. Por fim, essa ocupação e utilização do Instagram como ferramenta de etnocomunicação colaboram para o equilíbrio da prática jornalística enquanto espaço de diversidade e respeito às diferenças.

Tal importância ficou ainda mais evidente a partir do decreto federal de Emergência Sanitária<sup>8</sup> que tem o povo Yanomami como maior vítima. Nesse tempo de crise a Urihi por meio do seu perfil no Instagram desempenhou um papel ativo – para além da denúncia das atrocidades – como articuladora de novos regimes de visibilidade travando uma intensa batalha na trincheira jornalística em nome da decolonização do se fazer. Portanto, decolonizar os processos comunicacionais não é apenas uma maneira de garantir espaço e visibilidade a essas causas, é também uma forma de empoderar o indígena para tomar posse de um processo que por muitos séculos esteve nas mãos de outrem.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/janeiro/ministerio-da-saude-declara-emergencia-em-saude-publica-em-territorio-yanomami>. Acesso em 20/04/2023

## REFERÊNCIAS

- BONIN, J. A. **Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação.** Revista FAMECOS, [S. l.], v. 15, n. 37, p. 121–127, 2009. DOI: 10.15448/1980-3729.2008.37.4809. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4809>. Acesso em: 8 abr. 2023.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Trad. Joice Elias Costa. 3. ed., Porto Alegre: Artmed. 2009.
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, L. F. **Cinema nacional: caminhos percorridos.** São Paulo: Ed.USP, 2007.
- TERENA, Naine. **Lentes ativistas e a arte indígena.** Zum, São Paulo, 3 dez. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3uz5R3d>. Acesso em 23 abril 2023
- QUIJANO, A. (2010). **Colonialidade do poder e classificação social** in SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula (orgs). *Epistemologias do sul* (p.73-116). Coimbra: Almedina.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul.** São Paulo; Editora Cortez. 2010. 637 páginas.
- SANTI, V. **Princípios teórico-metodológicos para entrever Mediação e Mdiatização.** In: VIII Seminário Internacional de Metodologías Transformadoras de la Red AMLAT, 2014, Caracas - Venezuela: CEPAP, 2014. v. 1. p. 132-15.
- SILVA, Juremir Machado da. **O que Pesquisar quer dizer: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES/** Juremir Machado da Silva – Porto Alegre, 2010. 95 p.